

# Papel e celulose: oportunidades e ameaças caminham sempre juntas

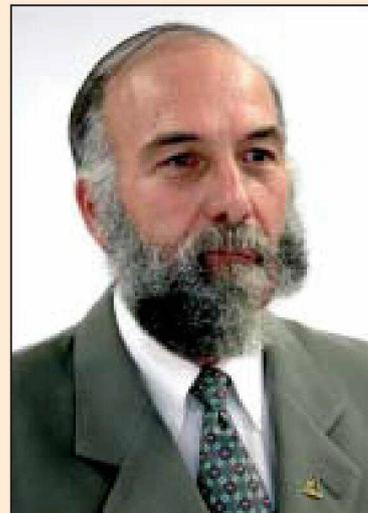
**D**iariamente temos tido informações sobre o crescimento saudável do setor florestal brasileiro. Em terra de tão poucas notícias boas na mídia, nosso setor tem se destacado como paradigma positivo: novas florestas sendo plantadas, novas parcerias com agricultores em fomento florestal, novos mecanismos de financiamento, novas fábricas e expansões sendo anunciadas... Um fervor, quase um tumulto. Todos falam – ou querem falar – sobre este setor que tem dado certo: revistas, jornais, políticos, líderes empresariais, professores acadêmicos, ambientalistas, etc. Agora, as empresas descobriram o Rio Grande do Sul como o novo eldorado para as florestas plantadas, a juntar-se aos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Bahia. Nossa indústria cresce, assim como as exportações de celulose. O setor está dando sua contribuição para formar um país melhor, com mais trabalho, mais capital e mais competitividade.

A verdade é que, nos últimos cinco anos, a situação tem sido bastante favorável ao setor exportador de celulose e papel da América Latina, especialmente no Brasil e no Chile, bem como no Uruguai, que agora dá seus primeiros passos para também embarcar nessa. Primeiro, foram as crises norte-americana e canadense no setor. Muitas fábricas obsoletas e sem competitividade acabaram fechando. Com isso, as empresas da-

queles países deixaram de tentar inundar o mundo com produtos a preços baixos toda vez que acontecia uma retração na demanda de seus mercados domésticos. A oferta global ficou melhor em relação à procura – algo até mais do que razoável, pois muitas fábricas definitivamente não tinham condições de competir por preços, já que seus custos de fabricação e necessidades de novos capitais para modernizações eram incompatíveis com a nova situação do setor. Sabiamente, foram desativadas suas máquinas, uma ameaça que aconteceu por lá e que tem de nos servir de exemplo para o futuro, de modo que não ocorra por aqui também.

Outros fenômenos aceleraram nosso crescimento: muitas fábricas na Europa e na Ásia decidiram abandonar a operação integrada de fazer celulose e depois papel, passando, então, a trabalhar com polpa de mercado. Assim, acabaram resolvendo seus problemas locais de pressões ambientais e tiveram mais opções em termos de qualidade, quantidade e preços.

Mais um fator fortuito foi a entrada para valer da gigantesca China no negócio papeleiro. Graças ao seu fenomenal crescimento econômico de quase 10% ao ano, o país exporta papel, mas não apenas como papel propriamente dito, e sim como embalagem dos produtos que exporta para o mundo. Uma nova manei-



**Por Celso Foelkel,**  
Vice-presidente da ABTCP e consultor da Grau Celsius/Celsius Degree  
[www.celso-foelkel.com.br](http://www.celso-foelkel.com.br)  
E-mail: [celso@abtcp.org.br](mailto:celso@abtcp.org.br)

[www.celso-foelkel.com.br/artigos6.html](http://www.celso-foelkel.com.br/artigos6.html)

ra de vender papel no mercado – criativa e sábia, como tudo o que vem da China. Novas, modernas e enormes fábricas de papel surgiram e a importação de celulose de mercado na China cresceu de cerca de 3 milhões de toneladas em 2000 para cerca de 7 milhões em 2004.

Colaborou também para esse cenário positivo a política de consolidações do setor, ocorrendo mais no *brownfield* que no *greenfield*, de 1999 até agora. Isso significa que as empresas preferiram crescer e se robustecer comprando fábricas já existentes em vez de construir novas, o que aumentaria a oferta mun-

dial e representaria queda de preços. A decisão mostrou-se inteligente e bem orquestrada por certo período de tempo. Ocorre que, realizadas as consolidações previstas e possíveis, as novas injeções de capital no setor em âmbito global estão de novo sendo aceleradas em novas e gigantescas fábricas, com produções mínimas de cerca de 1 milhão de toneladas ao ano.

Gostaria de comentar um pouco mais sobre a origem de toda essa situação. Para tal, é preciso ver o que tem acontecido com o preço da celulose na última década. Depois do ano dourado de 1994, tivemos um período muito amargo entre 1995 e 1999. No Brasil, esses anos foram duríssimos, pois, além da queda do preço internacional de celulose, tivemos um real fortíssimo em relação ao dólar e uma inflação grande para um país de moeda “estável”. Nossas exportações ficaram pouco atraentes, as importações acabaram incentivadas pelo câmbio, nossos custos de fabricação tornaram-se altos em dólar; enfim, o mundo desabava sobre nossas cabeças – e rapidamente. Em 1999, começa a reviravolta. A natureza e a economia são assim, nada estáticas, mas em constante transformação. O primeiro a mudar no Brasil foi o câmbio, com a alteração da política monetária. Depois, nossas empresas buscaram fazer consolidações internas, melhorando seus *market shares* e seus custos de fabricação. Mesmo assim, em nível mundial, os altos preços de 2000 não se mantiveram e caíram em 2001/2002, para depois, de novo, subirem ligeiramente até os dias atuais. Sabe-se, porém, que não estão muito firmes, até mesmo – e logicamente – pelas ameaças da fraca economia mundial e pelos contínuos enfrentamentos dos produtos alternativos emergentes, que teimam em competir com o papel. Na verdade, a economia mundial não pode depender apenas do crescimento da China. Hoje, há crises e mais crises em curso pelo mundo: terrorismo, desastres naturais, guerras, debilidade da economia da Europa e dos Estados Unidos, preço do petróleo batendo seus próprios recordes diariamente. Os custos de fabricação do papel e da celulose insistem em elevar-se, pois sobem os da madeira e da energia, assim como os gastos ambientais e sociais, e ainda se intensifica a competição, além de outros aspectos. A partir desse momento, se tivermos mais um desaquecimento mundial, enfrentaremos o que já conhecemos bem: mais uma crise de abrangência mundial no setor. Entretanto, uma crise como essa, se ocorrer, pode ser benéfica para alguns e letal para outros. Afinal, quem se favore-



## A GAP TAMBÉM FAZ O SEU PAPEL

A GAP Química, fundada em 1992, tem como foco a flexibilidade e o compromisso de crescer, aprimorando e mantendo, sempre, a eficiência e qualidade dos produtos que comercializa.

O sucesso da GAP se deve a confiança adquirida junto a seus clientes e parceiros - os maiores responsáveis pelo crescimento e expansão da empresa.

**Bactericida / Fungicida**

**Resina Melamina**

**Lubrificantes**

**Fixador**

**Agente de “release”**

**Agente de lisura**

**Agente de hidro repelência**

**Antiespumantes para papel e**

**“coating” biodegradável**

**Fluidificadores**

**Agentes de colagem interna**

**Adesivo para absorventes**

**Condicionadores de feltros**

**Dispersantes de carga e “pitch”**

**Amaciantes**

**GAP** QUÍMICA LTDA.

Av. Guiné, 3.377 • 07221-070 • Cubicão • Guarulhos - SP  
Tel.: (5511) 6413-7399 • Fax: (5511) 6488-0330  
[www.gapquim.com.br](http://www.gapquim.com.br)

ceria com isso? Certamente, os países com baixo custo de produção em moeda forte (euro, dólar ou, agora, yuan). Algumas empresas gigantes já descobriram onde estão as oportunidades no setor: Brasil, Uruguai, Chile, Rússia e Indonésia. A cada dia surgem anúncios de intenção de investimentos entre nós. A Argentina está também aí, à espreita! O país tem enorme potencial e uma taxa de câmbio hoje muito favorável – até melhor que a nossa. Falta-lhe, porém, a confiança dos investidores internacionais. Confiança, aliás, que também nunca foi muito forte em relação a nós, do Brasil, agora ainda mais fragilizada com a crise política e com o desabamento de nossa competitividade nos indicadores do *World Economic Forum – 2005 Competitiveness Report*.

Em recentes estatísticas que elaborei, consegui somar um crescimento de produção de quase 7 milhões de toneladas de celulose na América Latina até o período entre 2010 e 2012. Não incluí as novas e anunciadas intenções da International Paper no Mato Grosso do Sul nem da Stora Enso no Rio Grande do Sul. Se isso se concretizar, chegaremos a quase 10 milhões de novas toneladas em menos de sete anos. A estimativa indica claramente que os países de baixos custos estão atraindo os investidores e também aponta para uma séria mudança de hemisférios e de matérias-primas fibrosas, com a plantação cada vez maior de eucaliptos para abastecer essa indústria. Hoje, os eucaliptos já têm cerca de 20% de *market share* de celulose de mercado em nível mundial, e, no Brasil, o índice para esse tipo de celulose está em 57%. Tal sucesso decorre de muita competência e vantagens competitivas. Entretanto, tamanha quantidade de novas toneladas de celulose de mercado em tão curto es-

paço de tempo é algo a deixar alguns sem sono ou na expectativa de dominar mais os mercados.

O que poderemos prever a partir disso tudo que estamos vendo acontecer? Resumidamente e por tópicos, dá para antecipar que:

- celulose de mercado passa a ser uma *commodity* cada vez mais demandada em detrimento de fabricação integrada (isso em países compradores como os da Europa e da Ásia);

- mais algumas fábricas acabarão sendo fechadas nos próximos anos em âmbito mundial, o que ocorrerá onde os custos de fabricação forem mais altos e as margens de lucros menores ou negativas;

- teremos cada vez mais dificuldade em competir no mercado internacional com nossos papéis, pois os gigantes do hemisfério norte estarão produzindo milhões de toneladas de papéis de embalar e de imprimir; temos um *market share* diminuído, estamos comendo pelas beiradas e, nas apresentações estatísticas mundiais, figuramos somados na coluna “Outros produtores” – apesar de nossa grande competência para produzir os papéis kraftliner e de impressão, em especial UWF – cut-size.

A economia brasileira está cada vez mais vulnerável com a crise da demanda interna e o reduzido poder aquisitivo do mercado doméstico, o que nos força a exportar qualquer coisa – de minérios e sapatos a carne e celulose, por exemplo. O real fraco, que foi nosso aliado nas exportações em 2003 e 2004, está se voltando contra os exportadores em 2005 – os mesmos que foram obrigados a vender no mercado externo para manter suas fábricas em plena capacidade, incluídos aí muitos pequenos e médios fabricantes de papéis. A valorização do real, que passa de 30% em pouco mais de um ano, está bagunçando os balanços, os resultados, os fluxos de caixa e

os mercados das empresas, tanto do setor quanto fora dele.

Em 2006, o que teremos como surpresa? Oportunidades, novas crises ou ambas? Será que finalmente baixarão os juros da taxa Selic? Com isso, aumentaria a atratividade para novos investimentos em atividades produtivas. Também baixaria a entrada de capital especulativo de moeda forte e a taxa de câmbio deveria voltar a subir, pois a oferta de dólares diminuiria. Com um câmbio novamente mais favorável, as exportações puxariam de novo a economia da produção, além de restringir a importação de quinilhanias.

Como ficaremos, se não temos uma bola de cristal para nos orientar? Crescerá de novo a economia baseada na produção industrial e agrícola? Reduziremos a corrupção, sairemos da crise política de forma saudável e com novas energias para crescer e vencer? Daremos uma nova cara ao País, muito mais ética, o que seria extremamente favorável? Ou tudo poderá acabar como sempre: o mundo a nos olhar, admirado ao ver que temos tudo para vencer, mas não conseguimos pegar o bonde?

Nosso setor florestal e de produção de papel e celulose continuará encontrando energias na criatividade, na gestão, na tecnologia e na sinergia para manter seu crescimento. Hoje, as grandes empresas mundiais do setor estão apostando no hemisfério sul – justamente onde estamos nós, só que não somos os únicos. Às nossas qualidades atuais, temos de incluir e fortalecer outras, como as capacidades de negociação, diálogo e responsabilidade para com a nação.

Diz-se sempre que temos muito a aprender com as crises. Melhor ainda se conseguíssemos aprender a nos precaver delas – que surgirão, pois sempre existiram e existirão. 🏡